

ROUPA, MODA E POLÍTICA NOS ÚLTIMOS DIAS DA MONARQUIA

Rainho, Maria do Carmo Teixeira; Doutora em História;
Arquivo Nacional / Senai Cetiqt; mcrainho@ig.com.br

Resumo

O texto tem objetivo discutir as potencialidades da roupa e da moda para pensar a sociedade brasileira do final do século XIX. Dialogando com algumas das proposições do filósofo Georg Simmel, serão debatidos temas como a relação entre roupa, classe e gênero; a questão do gosto; a moda e a vida nas cidades; indumentária, modos e filiação política.

Palavras-chave:

Moda – Política – “Festas Chilenas” – Rio de Janeiro – Século XIX

Abstract

The text aims to discuss the potential of clothing and fashion to think the Brazilian society of the late nineteenth century. Dialoguing with some of the philosopher Georg Simmel’s propositions, it debates the relationship between clothing, class and gender; the question of taste; fashion and life in the city; dress, manners and political affiliation.

Keywords:

Fashion – Politics – “Festas Chilenas” – Rio de Janeiro – 19th century

Imagine-se diante de um grande clipping com centenas de notícias de diferentes jornais sobre as festas que “abalaram” o Rio de Janeiro nos últimos meses de 1889. Junte a esse material, convites para bailes e coquetéis; cardápios de almoços e jantares; carnês de bailes nos quais os portadores anotavam os nomes dos pares com quem dividiriam polcas, valsas e quadrilhas; programas de regatas na praia de Botafogo e páreos no Derby Fluminense, além de partituras, poemas e uma variedade de publicações: tudo isso constitui a Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro, integralmente preservada e aberta à consulta no Arquivo Nacional.

Há um misto de estranheza e curiosidade ao acessarmos esta Coleção. Logo de cara surgem algumas perguntas: quem haveria de coligir com tamanho cuidado todos aqueles recortes, colados em ordem cronológica em dois grandes álbuns¹ nos quais foram encartados os materiais acima mencionados? Com que objetivo registrava-se tão atentamente não apenas os veículos que divulgavam os eventos em homenagem à Marinha Chilena em viagem ao País, mas, também os que nada publicavam sobre o tema? E ainda: porque aquela visita provocou tamanha comoção na cidade e alcançou tanta repercussão?

Foi obra do capitão de fragata José Egídio Garcez Palha a reunião dos documentos que originaram a Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro, oferecidos por ele ao almirante Eduardo Wandenkolk, ministro da Marinha no governo provisório da República, de 1889 a 1891. A doação ao Arquivo Nacional ocorreu em 1930, pelas mãos do seu então proprietário e diretor da Instituição, Alcides Bezerra, que considerava ser aquele um “documento de valor para o estudo da sociedade brasileira nos últimos dias da monarquia”.

Como integrante da Marinha brasileira, Garcez Palha deve ter participado se não de todos, pelo menos de boa parte dos festejos em honra dos chilenos. Fosse para deleite próprio ou para presentear alguém hierarquicamente superior, fosse por iniciativa dele ou por solicitação, fato é que o recolhimento e a organização do material impresso indicam tanto a grandiosidade dos acontecimentos quanto uma noção de futuro por parte do capitão, talvez uma

¹ Os documentos passaram por tratamento técnico e higienização, foram descolados dos suportes originais e atualmente encontram-se integralmente digitalizados.

crença de que o material constituía um registro primoroso de um momento único na história da cidade e, sobretudo, que, nas mãos das gerações seguintes poderia colaborar para contextualizar e desvelar as tramas que marcaram o final da monarquia no Brasil. O fato dos meses de outubro a dezembro de 1889 terem sido de intensos e inigualáveis festejos no Rio de Janeiro decerto contribuiu para o rigoroso trabalho de Garcez. Vale ressaltar que, ao selecionar tanto os artigos satíricos e aqueles que criticavam a longevidade do regime imperial apontando as fraturas que o esfacelariam de vez, quanto os textos “chapa branca” ou aqueles mais devotados à descrição acrítica dos eventos, ele iluminou as diferentes forças, os personagens principais e os embates que travaram enquanto bradavam “Vivas ao Chile!”, sem efetuar censuras ou apagamentos de qualquer natureza.

Fig. 1: Charge publicada no jornal Cidade do Rio, 19/10/1889. Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro, Arquivo Nacional.



Esses aspectos – em especial a integralidade da Coleção – fazem do material um acervo único, diferenciando o Arquivo Nacional das instituições que possuem itens avulsos atinentes aos festejos, caso do *menu* do baile da Ilha Fiscal custodiado por alguns museus e bibliotecas do país. De todo modo e, a despeito de se constituir como um denso conjunto documental, a Coleção foi, até recentemente, bem pouco explorada, ensejando, finalmente, uma publicação² que busca refletir sobre aspectos que vão desde os sentidos da

² HEYNEMANN, Cláudia, MALERBA, Jurandir, RAINHO, Maria do Carmo Teixeira (orgs.). *Festas Chilenas: sociabilidade e política no Rio de Janeiro no ocaso do Império*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

comemoração – a diplomacia, os motivos ideológicos e as alianças políticas que levaram o Brasil a organizar os festejos – até a sociabilidade, a música, a moda, a imprensa, a gastronomia, os esportes, compondo uma rica narrativa sobre a efervescência do Rio de Janeiro no final dos Oitocentos, a face cosmopolita que a cidade deu a ver aos visitantes, cristalizando sua imagem de matriz das novidades culturais, dos comportamentos e do consumo.

O governo imperial não mediu esforços nem poupou o orçamento para a visita da oficialidade do encouraçado chileno Almirante Cochrane. Jantares, bailes e recepções constituíram a parte mais substantiva e animada da agenda dos nossos visitantes que também foram levados a visitar inúmeras instituições como o Asilo dos Meninos Desvalidos e a Escola Militar da Corte e a participar de sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de regatas, corridas de cavalos, saraus. O motivo dessa intensa programação foi mais do que uma retribuição à acolhida ao cruzador brasileiro Almirante Barroso, em Valparaíso, em janeiro de 1889. Tratava-se de uma estratégia de geopolítica que alinhava o Brasil ao Chile em oposição à Argentina e suas pretensões territoriais.

Fig 2: Verso do menu da homenagem à oficialidade chilena pelo presidente do Conselho de Ministros do Brasil, o visconde do Ouro Preto. 3/11/1889. Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro, Arquivo Nacional.



Entre as festas que integraram a série de eventos em homenagem à Marinha chilena uma acabaria se notabilizando como o marco do fim da monarquia no país. O baile da Ilha Fiscal,³ realizado em 9 de novembro de 1889, registraria a última aparição pública de d. Pedro II e da família imperial. Sobre ele se produziram obras literárias, caso de Esaú e Jacó, de Machado de Assis, o quadro de Aurélio de Figueiredo, O último baile da Ilha Fiscal e, sobretudo, a série de notícias e artigos publicados nos jornais cariocas, em grande parte, redigidos por autores de tendência republicana, que conformariam a memória do evento como uma festa de gastos e prazeres ilimitados. De fato, os preparativos para o acontecimento – marcado inicialmente para 19 de outubro e que acabou adiado em função da morte de d. Luís I, rei de Portugal – mobilizaram a cidade, desde as casas de moda, cabeleireiros, barbeiros, joalheiros, a rede de profissionais relacionados à cultura das aparências, até os donos de estabelecimentos diretamente envolvidos na sua realização como Leon Rodde, responsável pela iluminação feérica da Ilha, com 700 lâmpadas elétricas e a Casa Paschoal, que preparou o bufê para os 3 mil convidados.⁴ Contando com 300 funcionários dedicados à ocasião, a confeitaria serviu 12 mil garrafas de vinho, champanhe e outras bebidas; 12 mil sorvetes; a mesma quantidade de taças de ponche, 500 pratos de doces variados, além de 18 pavões, 80 perus, 300 galinhas, 350 frangos, 30 fiambres, 10 mil sanduíches, mil peças de caça, 50 peixes, 100 línguas, 50 maioneses e 25 cabeças de porco recheadas.

A celebração, que custou aos cofres públicos 250 contos de réis, 10% do orçamento anual da Província do Rio de Janeiro, uma verdadeira fortuna para a época, gerou críticas e desconfianças: chegou-se a especular que a quantia fora retirada do auxílio aos flagelados da seca do Ceará. Conforme o Correio do Povo:

Via-se bem que não houve pena nem escrúpulo de gastar o dinheiro do estado contanto que a obra saísse limpa, asseada e perfeita na

³ A Ilha Fiscal (antes Ilha dos Ratos) era uma instalação da Alfândega do Rio de Janeiro, de controle de entrada e saída das embarcações do porto da cidade. Funcionando junto ao Arsenal da Marinha, nela foi construído um prédio em forma de castelo, em estilo neogótico, projeto do arquiteto Adolfo José del Vecchio. Repleto de detalhes ornamentais, com trabalhos em cantaria, uso de madeiras nobres brasileiras, mosaicos e pinturas decorativas, além de vitrais trazidos da Inglaterra e um relógio de torre alemão, o prédio foi inaugurado em abril de 1889, pelo imperador Pedro II.

⁴ Algumas fontes chegam a estimar em 4.500 o número de convidados.

grandiosa proporção dessa maravilhosa chuva de ouro que inunda e fertiliza todo o país.⁵

Os relatos sobre os preparativos para o baile e as notícias publicadas após a sua realização nos permitem entradas interessantes para tratar da roupa e da moda no período, destacando os diferentes sentidos de que a indumentária se reveste em uma ocasião como aquela. O mosaico constituído pelos variados recortes de jornais, nem sempre com os mesmos matizes políticos, as sátiras, charges e ilustrações que integram a Coleção, ganha novos contornos se, para além de uma perspectiva mais empírica, estabelecermos um diálogo com os textos de Simmel acerca da moda e da vida na cidade no final do século XIX.⁶ Não interessa aqui, acomodar citações e passagens dos textos ao pensamento do filósofo alemão, mas, trazer para o debate algumas das questões magistralmente convocadas por ele e que são lembradas ao nos debruçarmos mais atentamente à leitura daqueles periódicos.

O primeiro e óbvio aspecto que salta aos olhos na análise desse material é a forma como a roupa e, sobretudo, a moda, atua como marcador de posição social. A roupa é cerca e é ponte no dizer de Mary Douglas e Baron Isherwood⁷; ela reafirma o *habitus*. Conforme os autores assinalam, quanto mais alto o estrato social, maior é o uso que se faz do conhecimento sobre bens e serviços para se construir pontos de contato ou cercas que demarquem o lugar de cada um. Transpondo esse modelo para o consumo da moda no Rio de Janeiro do final dos Oitocentos, veremos que o uso e as funções das roupas são sociais e culturais e, em consequência disso, não são neutros tampouco inocentes, asseguram que uma identidade permaneça apartada da outra, assim se diferenciando. As metáforas usadas pelos autores podem ser comparadas às forças “de diferenciação” e “de socialização” de Simmel, para quem a moda é:

⁵ Correio do Povo, 10 de novembro de 1911. Arquivo Nacional, Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro.

⁶ Ver especificamente: A moda, IARA, Revista de Moda, Cultura e Arte – São Paulo, v.1, n. 1 abr./ago. 2008. Tradução de Antonio Carlos Santos. O texto "Die Mode" foi publicado, pela primeira vez, em Philosophische Kultur (Cultura Filosófica). Leipzig, Kröner, 1911. As grandes cidades e a vida do espírito, Mana, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 2, 2005. Tradução de Leopoldo Waizbort. Este texto também é conhecido como A metrópole e a vida mental e foi publicado no Brasil, no final da década de 1960, na coletânea O fenômeno urbano, organizada por Otávio Velho.

⁷ Mary Douglas e Baron Isherwood, *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2ª edição, 2013.

um produto da divisão de classes e se comporta como inúmeras outras configurações, sobretudo a honra, cuja dupla função é reunir um círculo isolando-o ao mesmo tempo dos outros. [...]

Assim, a moda significa, por um lado, a união com os pares, a unidade de um círculo definido por ela e, conseqüentemente, a união desse grupo contra as camadas inferiores, a caracterização destas como excluídas. Unir e distinguir são as duas funções fundamentais que aqui se juntam indissolúvelmente, das quais uma, apesar ou justamente por ser a oposição lógica da outra, torna possível sua realização.⁸

A moda e suas constantes mudanças dão a ver quem efetivamente pertence à boa sociedade ao reforçar as hierarquias, as diferenças existentes entre os membros daquela camada e os outros estratos, caso dos escravos, e também entre eles e os homens brancos das camadas médias e pobres. Mas, a indumentária usada nas Festas Chilenas, a roupa europeizada e consoante às tendências em voga, distingue ainda aqueles que se destacam no interior do grupo, reafirmando que a valorização social ia além da cor e da posse de terras e riquezas. Conforme a leitura dos jornais deixa claro, não basta à boa sociedade usar a roupa da moda, mas, saber portá-la com distinção, de forma adequada aos padrões de sociabilidade esperados daquele grupo.

O Correio do Povo, entre outros periódicos, assinalava que o desconhecimento das regras de civilidade ficava evidente no comportamento e na indumentária de alguns convidados que teriam entrado como penetras no baile.

Ali dentro daquele palácio encantado houve de tudo, porque deixaram muito bicho careta penetrar naquele recinto, que só devia ser destinado ao brilho fulgurante das luzes, ao perfume suave das flores, ao império irresistível da beleza, ao esmero irrepreensível da elegância, a correção fidalga do bom gosto e a nobre gentileza da boa sociedade.⁹

Os modos de utilização dos chapéus, por exemplo, constituíam, segundo os jornalistas, uma medida de “civilização”. Por representar uma despesa inferior a paletós e casacos, o chapéu permitia confundir e transformar as fronteiras de classe; por outro lado, também servia para reafirmar a posição social, posto

⁸ Georg Simmel, A moda, p. 166.

⁹ Correio do Povo, 12 de novembro de 1889. Arquivo Nacional, Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro.

que alguns modelos estavam diretamente associados à determinadas camadas, como as cartolas. Mas, como evidenciam algumas das notícias sobre o baile da Ilha Fiscal, não bastava portar o chapéu, era necessário usar o modelo apropriado, manejá-lo corretamente e, sobretudo, retirá-lo da cabeça conforme as convenções estabelecidas.

Um dos críticos mais contundentes dos festejos em homenagem aos chilenos – que assinava Desmoulins – atacava igualmente homens e mulheres quanto à má utilização que faziam dos chapéus. As mulheres por circularem pelos salões de baile apresentando-se em roupas de passeio e trazendo à cabeça aquele acessório e os homens porque “andavam a passear pelo salão do bufê [...] de chapéu alto na cabeça, como se estivessem n’alguma praça de mercado ou percorrendo a chácara de seu sogro”.¹⁰

Fig 3: Charge sobre os modelos de barretes usados no baile da Ilha Fiscal. Cidade do Rio, 11/10/1889. Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro, Arquivo Nacional.



A leitura dos jornais também evidencia a relação entre roupa e moda como medidas de quantificação da riqueza da nação: a moda e os modos são formas potentes de revelar aos estrangeiros o grau de desenvolvimento do Brasil, não

¹⁰ Correio do Povo, 12 de novembro de 1889. Arquivo Nacional, Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro.

pela produção mesma dos bens – em sua maioria importados – mas, pela forma de utilizá-los, pelos cuidados nos cortes e penteados, pela escolha e utilização de determinadas joias que aquilatam a riqueza do portador e, que, vistas em grupo, apontam para o empoderamento das camadas dominantes da população brasileira.

Pouco depois começou o baile. O que ele foi é difícil de dizer. A riqueza oriental das *toilettes*, o brilho e o ruge-ruge das sedas que mal cobriam as espáduas marmóreas das senhoras, o veludo, a pelúcia de seda que guardavam como as portas de um sacrário os colos alvos e palpitantes das brasileiras, salpicados de brilhantes, de safiras, de esmeraldas; os diademas rutilantes nos penteados artísticos das moças; o burburinho argentino do contentamento aflorando de lábios coralinos das avezinhas implumes que contam apenas 15 ou 18 primaveras; a galanteria fidalga dos cavalheiros, uns trazendo suas vistosas grã-cruzes, outros ostentando na lapela os miosótis, as violetas, as raríssimas camélias; o dourado sedutor das fardas, cobrindo peitos patrióticos – como descrever tudo isto?¹¹

A notícia acima, para além de iluminar a riqueza e a variedade dos ornamentos e os tecidos luxuosos exibidos pelas mulheres na Ilha Fiscal e o apuro com que se apresentavam os homens, evidencia o erotismo compartilhado por aqueles que desfrutavam das interações de gênero que ocasiões como aquela permitiam. Vale ressaltar que as roupas usadas nas festas eram uma exceção para as mulheres, liberadas para se vestir ali de modo mais ousado. Impregnados de erotismo, os trajes femininos faziam emergir partes do corpo escondidas, revelando formas habitualmente dissimuladas. Como afirma Simmel,

muitas mulheres teriam pudor em aparecer em seu quarto diante de um homem estranho tão decotadas quanto aparecem em sociedade, lugar por excelência da moda, diante de trinta ou de uma centena.¹²

Gilda de Mello e Souza observa que, no século XIX, as barreiras derivadas de uma moral estreita, impediam a admiração estética do corpo nu, deslocando em grande parte o interesse para o invólucro do corpo. Nesse sentido, a avaliação dos valores eróticos baseava-se tanto nas modas de vestimenta quanto na apreciação da beleza física. De todo modo, a autora lembra que esta

¹¹ Tribuna Liberal, 9 de novembro de 1889. Arquivo Nacional, Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro.

¹² Simmel, Georg, A moda, p. 180.

exibição era franqueada prioritariamente às mulheres casadas. Enquanto estas, experientes nos jogos amorosos, estavam menos cercadas de tabus, podendo, por exemplo, circular com desenvoltura pelos salões, oferecendo-se ao olhar contemplativo dos homens, as mulheres solteiras, paradoxalmente, vestiam roupas mais modestas, acenavam aos homens com seus encantos atrás de leques e um certo recato.¹³

O comportamento feminino naqueles eventos foi alvo da imprensa, sobretudo, de tendência republicana, em especial ao tratar do baile da Ilha Fiscal, afinal, o ápice das comemorações e o evento patrocinado, de fato, pelo governo imperial. Esta abordagem acabou cristalizando uma interpretação sobre a festa que se perpetua desde então e que pode ser sintetizada na palavra excesso, usada não apenas para tratar dos gastos, mas, também dos modos de algumas das convidadas. Em vista de tudo isso, não é de admirar que o Diário de Notícias publique alguns dias depois do baile, uma lista de objetos perdidos ou esquecidos, entre os quais inúmeros lenços, oito espartilhos, dezessete ligas, oito claques, dezesseis chapéus e grande quantidade de “algodão em rama”.

Houve então cenas na Ilha? Fez-se cousas... e lousas. No baile, apesar de ser na Ilha Fiscal, houve contrabando [...]. O algodão em rama é aplicado em pastas para engordar – engorda mais depressa do que o bife sangrento. As senhoras, nem todas, fazem uso do algodão e eu acho que fazem bem... mas não tiram os coletes. Tenho visto senhoras tirarem cavalheiros para a valsa, rosas de buquê, bombons para as crianças, a sorte grande, o dente, o chapéu, a anquinha... mas o colete...o colete nunca vi.¹⁴

A indumentária – especificamente os uniformes e a maneira de portá-los pelo Exército brasileiro e pela Guarda Nacional – também atua como um ponto de condensação para a cobertura dos conflitos entre monarquistas e republicanos. A imprensa republicana, em especial, se apropriou de maneira inteligente da participação das duas forças nas comemorações em homenagem aos chilenos. Ironizando o comportamento da Guarda Nacional, fazia do Exército um exemplo de correção nos modos e no vestir: “as fardas do Exército e da

¹³ Gilda de Mello e Souza, *O espírito das roupas: a moda no século XIX*, p. 142-169.

¹⁴ O Diário de Notícias, 13 de novembro de 1889. Arquivo Nacional, Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro.

armada casavam-se harmoniosamente com as toaletes finas, exquises, de algumas representantes do belo sexo.”¹⁵ Ou ainda:

Falávamos de tudo, dos oficiais do Exército, da armada e da Guarda Nacional; para os primeiros não regateamos elogios da última porém que se fosse reformada com pessoal escolhido, teria a nossa aprovação, notamos algumas coisas desagradáveis – oficiais conhecidos como homens pândegos, que não se vexam em andar pelos jardins dos teatros e praças públicas de braços com horizontais, dando escândalos, que frequentam certos clubes e casas a que a polícia dá cerco.¹⁶

Em geral, em desvantagem na comparação com os membros do Exército, os oficiais da Guarda Nacional sofriam críticas que iam da escolha das fardas à falta de civilidade expressa no desconhecimento das regras de etiqueta, o que os levavam a dançar e circular pelos salões de capacete e espada. Como afirma o cronista Omnibus, “os oficiais não se continham. Rodopiavam, giravam, acotovelando a multidão, amarrotando com as espadas os vestidos das senhoras, arranhando as casacas dos cavalheiros com as dragonas. E tudo isso, antes do champanhe...”¹⁷

Para finalizar, vale lembrar que o exame da Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro dá a medida do lugar da roupa e da moda na cultura contemporânea, o espaço que elas ocupam na vida das cidades, o modo como falam do tempo com seus avanços e recuos. Ao iluminar uma série de questões políticas e econômicas, de gênero e sexualidade, relações de poder e a condição feminina, as vestimentas e tudo o que se relaciona à cultura das aparências abrem janelas importantes para examinarmos a sociedade brasileira do final do século XIX, suas dinâmicas e contradições.

Assim como a cidade cosmopolita com a qual os chilenos travaram contato naqueles dois meses, era apenas uma das suas faces, as roupas exibidas pela elite dos seus habitantes era apenas uma das muitas formas de vestir dadas a ver nos seus espaços públicos e privados. Cabe a nós sair dos salões e

¹⁵ Gazeta da Tarde, 12 de novembro de 1889. Arquivo Nacional. Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro.

¹⁶ Trecho de carta entregue à redação do jornal Cidade do Rio por Joaquim de Cerqueira Lima, envolvido em conflitos com oficiais da Guarda Nacional, após o baile da Ilha Fiscal. Publicada na edição de 12 de novembro de 1889. Arquivo Nacional, Festas Chilenas no Rio de Janeiro.

¹⁷ Cidade do Rio, 11 de novembro de 1889. Arquivo Nacional, Festas Chilenas no Rio de Janeiro.

penetrar nas entranhas da cidade, nas suas vielas e becos, no seu casario colonial, bem como buscar os trapos, os tecidos de algodão, as chitas, lembrar dos pés descalços dos escravos recém-libertos. Caso contrário, as Festas Chilenas serão apenas lembranças de um tempo de frenesi, sonho e luxo, um tempo em que, enquanto a república era proclamada, continuava-se a beber champanhe e a brindar, mudando-se apenas os agraciados com o brinde.

Referências

ARQUIVO NACIONAL. Coleção Festas Chilenas no Rio de Janeiro.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2ª edição, 2013.

HEYNEMANN, Cláudia, MALERBA, Jurandir, RAINHO, Maria do Carmo Teixeira (orgs.). *Festas Chilenas: sociabilidade e política no Rio de Janeiro no ocaso do Império*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

MELLO e SOUZA, Gilda de. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções, Rio de Janeiro século XIX*. Brasília: Ed. UNB, 2002.

SIMMEL, Georg. *A moda*. IARA, Revista de Moda, Cultura e Arte – São Paulo, v.1, n. 1 abr./ago. 2008.

_____. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Mana, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 2, 2005.